

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

GIOVANNA MEGALE DE CAMARGO BARROS

**INTELIGÊNCIA OU STATUS SOCIAL? EFEITOS DE DICAS SOCIAIS NA
CONFIANÇA SELETIVA DE CRIANÇAS**

SÃO CARLOS - SP
2025

GIOVANNA MEGALE DE CAMARGO BARROS

**INTELIGÊNCIA OU STATUS SOCIAL? EFEITOS DE DICAS SOCIAIS NA CONFIANÇA
SELETIVA DE CRIANÇAS**

Trabalho apresentado como requisito para a conclusão de curso de Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São Carlos, para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Débora de Hollanda Souza

São Carlos - SP
2025

Financiamento

Este trabalho foi apoiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – Processo PIBIC 2024/2025 – ID 3960.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus e a Nossa Senhora por terem iluminado toda a minha trajetória e vida, sustentando-me em todas as minhas necessidades e guiando meus passos. Nada disso seria possível se não fossem as bênçãos e a intercessão deles. Também agradeço imensamente aos meus pais, Cláudia e Fernando, por todo o amor e suporte oferecidos, sempre acreditando no meu potencial e incentivando a buscar o máximo de conhecimento e experiências, mesmo não estando perto de mim todos os dias. Cada palavra de carinho, cada abraço apertado dado, cada acolhimento quando eu mais precisava foram essenciais.

Quero agradecer também ao meu parceiro de vida, por não medir esforços para estar ao meu lado em todos os momentos me auxiliando desde os estudos até a produção de materiais da minha pesquisa. Obrigada por sempre me encorajar a buscar a minha melhor versão todos os dias, por vibrar em cada pequena conquista e me sustentar quando estava muito pesado para mim. Seu amor, zelo e presença foram essenciais para que eu chegasse até aqui.

Sou grata também pelo apoio e carinho de todos os meus amigos, em especial minhas amigas da universidade que me acompanharam durante toda a graduação. Obrigada por sempre se fazerem presentes, por toda ajuda, abraços, conversas, opiniões e incentivo. Aos meus amigos da minha cidade natal, agradeço a confiança e o carinho transmitidos a mim, mesmo distantes fisicamente. A minha trajetória ficou muito mais leve e enriquecedora com todos vocês. A minha conquista também é fruto dessas pessoas tão importantes que estiveram comigo. Obrigada por verem potencial em mim nos momentos em que eu não era capaz.

Agradeço também a minha família ampliada, que mesmo distante, se fez presente aquecendo meu coração. Obrigada a cada um que direta ou indiretamente me motivou, me ouviu e participou dessa trajetória comigo. Vocês são a base da minha vida e caminhada, obrigada por tanto.

Gostaria de agradecer a minha orientadora, por me acompanhar em cada etapa desta pesquisa, por todos os ensinamentos acadêmicos ou pessoais e por sempre enxergar tanto potencial em mim. Seu carinho e suporte foram muito importantes. Obrigada por me ensinar a olhar com mais compaixão para mim mesma e a validar mais as minhas próprias habilidades e competências. Agradeço também ao grupo de pesquisa GPdeSol, por todas as trocas, auxílios e debates. Tudo isso foi essencial para os resultados alcançados. Por fim, agradeço ao CNPq por financiar a minha pesquisa com a bolsa PIBIC e possibilitar essa experiência em pesquisa. Sem o incentivo ao conhecimento e esse suporte, nada disso seria viável.

Resumo

Em meio ao crescimento desenfreado das *fake news* e os impactos negativos decorrentes delas, é importante investigar como as pessoas escolhem fontes de informação e determinam se elas são confiáveis. A Psicologia do Desenvolvimento tem explorado, por exemplo, quando as crianças começam a apresentar confiança seletiva em potenciais informantes. Evidências recentes têm demonstrado que desde cedo (3 anos), elas já são capazes de selecionar em quem confiar em situações novas de aprendizagem. Para discernir entre bons e maus informantes, as crianças usam diversos critérios e dicas sociais (e.g., nível de conhecimento e pertencimento a um grupo). O presente trabalho visou contribuir nesta direção ao investigar o efeito do status epistêmico (conhecimento acumulado/ inteligência) e social (figura de liderança e/ou prestígio) de informantes sobre a confiança seletiva de crianças em idade escolar. Participaram do presente estudo 32 crianças divididas em dois grupos de idade: 6 anos ($M_{idade} = 6$ anos e 8 meses) e 8 anos ($M_{idade} = 8$ anos e 8 meses). Os participantes foram expostos a uma tarefa de confiança seletiva. Em uma fase de familiarização, dois personagens foram apresentados: um líder de classe e outro que era muito inteligente. Em seguida, a criança precisava indicar qual dos dois ela gostaria de ter como amigo. A grande maioria (80%) indicou o personagem inteligente. Na fase teste (6 tentativas), os participantes assistiram cenas que envolviam situações-problema, sendo que metade delas exigiam conhecimento factual e a outra metade, competência social. Em cada cena (tentativa), os dois personagens ofereciam respostas/ soluções distintas e o participante precisava indicar qual dos dois tinha razão. Os resultados apontaram para uma preferência maior das crianças de 8 anos ($Mdn = 6.0$) pelo informante inteligente nas tentativas de conhecimento factual, quando comparado com as crianças de 6 anos ($Mdn = 5.0$). Já nas tentativas de competência social, não foi encontrado um efeito de idade. Além disso, para esse tipo de tentativa, não houve uma preferência clara por um dos dois informantes. Em síntese, os dados sugerem que o status epistêmico (inteligência) é uma dica social importante, que influencia a confiança seletiva das crianças brasileiras, especialmente aquelas em idade escolar mais avançada (8-9 anos) e em situações que exigem conhecimento. O status social (prestígio/liderança), entretanto, não se mostrou uma dica relevante, pelo menos, nas situações testadas no presente estudo.

Palavras-chave: confiança seletiva; status epistêmico; status social; crianças.

Abstract

Given the unstoppable growth of fake news and their negative impact, it is important to investigate how people choose information sources and determine whether they are trustworthy. Developmental Psychology has explored, for example, when children begin to show selective trust in potential informants. Recent evidence has demonstrated that from an early age (3 years), children are already capable of selecting whom to trust in novel learning situations. To discern between good and bad informants, children use various criteria and social cues (e.g., level of knowledge and group membership). The present study aimed to contribute in this direction by investigating the effect of the epistemic (accumulated knowledge/intelligence) and social (leadership and/or prestige) status of informants on the selective trust of school-aged children. Thirty-two children participated in the present study, from two age groups: 6 years ($M_{age} = 6$ years and 8 months) and 8 years ($M_{age} = 8$ years and 8 months). Participants were administered a selective trust task. During familiarization, two characters were introduced: one was a class leader and the other was very intelligent. Next, the child was asked to indicate which of the two they would like to have as a friend. The vast majority of participants (80%) chose the intelligent character. During the test phase (6 trials), participants watched scenes involving problem situations, half of which required factual knowledge and the other half social competence. In each scene (trial), both characters offered distinct answers/solutions, and the participant had to indicate which of the two informants was correct. Results suggest a greater preference among 8-year-old children ($Mdn = 6.0$) for the intelligent informant in the factual knowledge trials, compared to 6-year-old children ($Mdn = 5.0$). For the social competence trials, however, no age effect was found. In addition, for this type of trial, there was no clear preference for either informant. In summary, the data suggest that epistemic status (intelligence) is an important social cue that influences selective trust in Brazilian children, especially those in later school age (8–9 years) and in situations that require knowledge. Social status (prestige/leadership), however, did not prove to be a relevant cue, at least in the situations tested in the present study.

Keywords: selective trust; epistemic status; social status; children.

Sumário

Introdução.....	8
Objetivos.....	14
Objetivo Geral.....	14
Objetivos Específicos.....	14
Método.....	15
Participantes.....	15
Local e Materiais.....	15
Instrumento.....	15
Procedimentos.....	19
Resultados e Discussão.....	20
Conclusões.....	26
Referências.....	28
Anexo A.....	34

Introdução

A disseminação de notícias falsas, denominadas na atualidade de *fake news*, não é um fenômeno novo, uma vez que, ao longo da história, a existência e propagação de inverdades são recorrentes em diversos contextos sociais e de comunicação. No entanto, nos dias de hoje, com os avanços tecnológicos e da internet, o aumento e a velocidade de difusão de desinformação têm gerado preocupação, em especial, porque as notícias falsas podem causar danos em diferentes áreas, como a saúde pública, a segurança e o bem-estar individual e coletivo (Silva et al., 2019). No Brasil, durante a pandemia de Covid-19, foram divulgados dados epidemiológicos incorretos, informações falsas sobre a origem e tratamentos não comprovados para a doença, até sobre efeitos e danos causados pelas vacinas (e.g., criação do novo coronavírus em laboratório secreto chinês; uso de hidroxicloroquina na prevenção da Covid-19; vacinas apresentarem mais perigo do que o próprio vírus). Embora tais informações, muitas vezes, se revelem improváveis e possam ser facilmente refutadas por evidências científicas, elas trazem insegurança para a população e entraves aos órgãos públicos e de saúde, já que muitas pessoas passam a acreditar em tais notícias (de Barcelos, 2021; Monteiro, 2021).

Mesmo tendo caráter fantasioso, uma notícia falsa, como a de que a vacina contra Covid-19 modifica o DNA dos seres humanos (Lorenzetti & Verdun, 2021), por sua natureza chamativa, pode se espalhar de modo rápido, influenciando as percepções dos indivíduos. Como argumentam Silva et al. (2019), as *fake news* podem variar “desde histórias de notícias sobre supostos estudos científicos que confirmam meias-verdades até declarações de políticos e celebridades que estão distorcidas e agem como fogo nas linhas do tempo das redes sociais” (p.2). Mais recentemente, os efeitos desastrosos das *fake news* também ficaram evidentes durante a tragédia climática ocorrida no Rio Grande de Sul, quando foi propagada a notícia de que doações seriam taxadas com impostos (Gama, 2024). Finalmente, é importante lembrar que a maneira, o veículo e o indivíduo que comunica as informações ou é referido nas notícias

legitimam os discursos em circulação e, conseqüentemente, contribuem para que exerçam mais influência na opinião das pessoas (Gomes et al., 2020).

Em decorrência, portanto, da crescente presença e a frequência das *fake news* nos diversos veículos de comunicação, muitos estudiosos têm buscado constantemente compreender os motivos pelos quais algumas pessoas recusam evidências científicas em detrimento de informações infundadas. Segundo O'Connor & Weathrall (2019), os indivíduos são expostos a crenças falsas nos mesmos contextos em que são expostos a informações verdadeiras. Tais crenças também podem surgir em decorrência de experiências próprias com o mundo ou como resultado da interação com os outros, e, portanto, é importante entender como as pessoas selecionam fontes de informação e decidem quem é confiável, assim como é importante compreender como a habilidade de confiar seletivamente no testemunho de alguém se desenvolve.

Vários estudos têm explorado a confiança seletiva de crianças, em particular, os critérios utilizados por elas para determinar quem é um bom informante ou não em novas situações de aprendizagem (e.g., Harris, 2012; Harris et al., 2017; cf. Souza & Messias, 2020). Diferentemente da visão predominante em várias culturas de que as crianças são ingênuas e acreditam em tudo que ouvem (Marková & Gillespie, 2008), estes estudos têm demonstrado que crianças de 3 a 4 anos já são capazes de confiar seletivamente (Clément et al., 2004; Koenig et al., 2016; Koenig & Echols, 2003; Harris et al., 2017; Messias, 2019; Pasquini et al., 2007). As crianças, de fato, aprendem sobre o mundo e seu funcionamento não apenas pela sua experiência direta, mas também através do testemunho de outras pessoas, já que muitos domínios não são acessíveis diretamente ou pelos sentidos e, por isso, demandam informações fornecidas por pessoas confiáveis (Koenig & Harris, 2005; Harris, 2012).

Para avaliar a confiança seletiva, geralmente, usa-se um paradigma em que o pesquisador apresenta à criança uma nova situação de aprendizagem e dois possíveis

informantes para auxiliá-la na tarefa (Corriveau et al., 2009; Koenig et al., 2016; Pasquini et al., 2007). O procedimento é realizado em duas fases: familiarização e teste. Na familiarização, a criança vê vídeos de dois informantes (atores ou fantoches) nomeando objetos conhecidos (e.g., bola, livro, cadeira), sendo que um deles os nomeia corretamente (e.g., diz o nome do objeto bola é “bola”) e o outro incorretamente (e.g., afirma que o livro mostrado no vídeo é uma bola). O intuito é o de disponibilizar evidências acerca do nível de confiabilidade de cada um dos informantes, isto é, seu histórico de erros e acertos (acurácia). Na fase teste, por sua vez, é solicitado à criança nomear objetos desconhecidos (e.g., objetos montados com partes de outros objetos), entretanto, diante da complexidade da atividade, ela deve escolher um dos dois informantes apresentados anteriormente para ajudá-la. Em cada tentativa, os atores (ou fantoches) utilizam pseudopalavras para nomear corretamente os objetos alvo desconhecidos quando solicitado (e.g., um nomeia o objeto como “danú” e o outro como “tego”). Em seguida, o pesquisador pergunta qual dos dois nomes ela acha ser o correto. Mesmo crianças de 3 anos já demonstram uma preferência clara pelo informante que se mostrou confiável no passado (Harris et al., 2017).

A literatura sobre o desenvolvimento da confiança seletiva tem demonstrado que as crianças utilizam diferentes critérios em seus julgamentos de confiança: a) nível de conhecimento do informante: elas tem maior tendência a acreditar na informação se ela for dada por um indivíduo especialista no conteúdo (Koenig & Jaswal, 2011); b) pertencimento a um grupo: elas são mais propensas a acreditar num informante pertencente ao mesmo grupo que o seu, por exemplo, do mesmo gênero, etnia, sotaque e/ou faixa etária (Corriveau et al., 2013; Jaswal & Neely, 2006; Kinzler et al., 2011; Ma & Woolley, 2013; McDonald & Ma, 2016; VanderBorghet & Jaswal, 2009); c) relação com o informante: as crianças são mais propensas a confiar no testemunho de alguém que é mais próximo, como a mãe ou professor, do que de seu amigo (Corriveau & Harris, 2009); d) aparência física: na ausência de

conhecimento sobre o histórico dos informantes, as crianças tendem a acreditar em um informante magro e sem deficiência (Jaffer & Ma, 2015) e tem preferência por obter informações de informantes mais atraentes (Bascandziev & Harris, 2016); e) nível de confiança do informante em relação ao seu nível de acesso à informação: em contextos em que os informantes dão dicas verbais e não verbais de confiança ou incerteza, as crianças têm preferência em aprender com aquele que é mais confiante em detrimento do menos, porém somente quando ambos possuem o mesmo grau de confiabilidade, isto é, apresentam taxa de respostas corretas igual no passado (Birch et al., 2020; Brosseau-Liard, 2014) e f) 5 crenças pessoais: evidências apontam que crer em mágica prediz uma tendência maior à credulidade (Kim & Harris, 2014). Ademais, crianças preferem aprender com figuras de autoridade conhecidas, mas mudam de preferência se essas figuras começarem a oferecer informações incorretas (Corriveau & Harris, 2009; Jaswal & Neely, 2006).

Além disso, as variações em confiança seletiva podem ser decorrentes de diferenças contextuais e individuais. Algumas divergências entre julgamentos de crianças com idades diferentes podem ser justificadas por estarem em momentos distintos do processo de desenvolvimento da teoria da mente ou da linguagem (Souza & Messias, 2020). Entretanto, os resultados sobre a relação entre teoria da mente e desempenho na tarefa de confiança seletiva são mistos. Alguns estudos encontram associação positiva enquanto outros não (DiYanni et al., 2012; Fusaro & Harris, 2012; Pasquini et al., 2007). Pesquisas com uso de medidas de linguagem também apresentam resultados variados (Koenig & Woodward, 2010; Li & Yow, 2018). É importante destacar que grande parte dos estudos sobre o desenvolvimento de confiança seletiva em crianças centra-se em países como EUA, Canadá e Inglaterra. Apesar de existirem dados da Guatemala (Castelain et al., 2016), Irã (Vahid & Farshid, 2017) e comparativo da Alemanha e Japão (Kim et al., 2018), para verificar os efeitos culturais na confiança seletiva de crianças é preciso um volume maior de pesquisas transculturais.

Dicas sociais também influenciam o julgamento de crianças acerca de um informante. Bernard et al. (2016), por exemplo, investigaram a dica social denominada dominação, que se caracteriza pela prevalência de um informante sobre outro em contextos conflitantes que envolvem controle de recursos e tomada de decisão. O intuito foi explorar se para as crianças, em uma tarefa de confiança seletiva, o informante dominante merece mais crédito do que o informante subordinado. Dois tipos de dominação foram manipulados: força física para conseguir um objeto desejado e poder de decisão diante de uma situação em que indivíduos têm opiniões diferentes para resolução de um problema. Em ambos os contextos, o dominador sempre se destacou. Na fase teste, ao decidirem qual dos dois testemunhos confiar, em uma tarefa de localização e uma de nomeação, crianças de 3 a 5 anos preferiram em todas as situações endossar o testemunho do personagem dominante em vez do subordinado. Charafeddine et al. (2021), por sua vez, analisaram as interações de poder, em que um personagem sempre impõe sua vontade e o outro aceita sem contrariar. Após apresentarem às crianças as preferências de comida ou brinquedos dos dois personagens (“*high power*” e “*low power*”), solicitaram a cada uma que fizesse suas próprias escolhas. Os resultados sugerem que as interações de poder influenciaram mais crianças do gênero masculino: em interações com personagens masculinos, tendiam a alinhar suas escolhas com o “*high power*” (dominante), mas em interações com personagens femininos, suas preferências foram alinhadas com o “*low power*” (subordinado).

Outro aspecto investigado é o viés de prestígio, compreendido como aquele que induz os indivíduos a preferirem informações que são dadas por modelos que notadamente recebem mais atenção popular, o que parece ter uma função adaptativa. Chudek et al. (2012) constataram que crianças de 3 a 4 anos apresentam preferência pelo possível informante prestigioso, isto é, aquele em quem os indivíduos mais prestam atenção ou recebem maiores recompensas, porém apenas em situações em que a atenção ou preferência dada a ele era relevante para a tarefa alvo

na qual os participantes estavam sendo avaliados e outras não (e.g., o informante ganha atenção enquanto utiliza alguns artefatos, entretanto, a tarefa do participante estava relacionada a manifestar sua preferência alimentar e não de artefatos).

Estudos sobre os efeitos do status social dos potenciais informantes também têm sido conduzidos. De maneira geral, o status social pode ser entendido como qualquer hierarquia em que indivíduos ocupam posições mais elevadas ou mais baixas que outros em alguma dimensão desejável (Henrich & Gil-White, 2001). Enright et al. (2020), por exemplo, investigaram se crianças de 3 a 6 anos recorrem às diferenças de status em seus julgamentos sociais (preferência e alocação de recursos), analisando quatro dimensões relacionadas ao status: riqueza (possuir mais ou melhores recursos), dominância física (ser mais forte ou maior), poder de tomada de decisão (poder de escolha em decisões importantes) e prestígio (ser seguido ou admirado por habilidades superiores). Não foram encontradas diferenças significativas, nas quatro dimensões de status verificadas, na forma como as crianças utilizam o status para impactar seus julgamentos sociais. Independentemente da faixa etária, as crianças revelaram preferência por pessoas de alto status em detrimento de baixo em todas as dimensões. Por outro lado, crianças de 5 e 6 anos concederam seletivamente mais recursos aos indivíduos de baixo status apresentados nas vinhetas em detrimento dos de alto, em contraste às de 3 e 4 anos.

Como pode ser observado, a confiança seletiva apresenta muitas nuances, e compreender os fatores que a influenciam e quais critérios as crianças utilizam para definir em quem confiar é de suma importância, ainda mais no contexto brasileiro, onde o número de estudos investigando o fenômeno ainda é muito limitado (Souza e Messias, 2020). Considerando, portanto, o atual cenário em que vivemos, marcado por fake news, o presente estudo teve como objetivo principal contribuir para essa linha de investigação no país, investigando possíveis efeitos do status social e do status epistêmico (i.e., quanto conhecimento o informante tem) sobre a confiança seletiva de crianças escolares. Será que o status social

(figura de liderança e/ou prestígio) se sobrepõe ao status epistêmico (conhecimento sobre algo) em situações de aprendizagem nova que envolvam conhecimento factual ou competências sociais de um potencial informante? Dicas sociais como o status social/epistêmico influenciam a confiança seletiva de crianças?

Objetivos

Objetivo Geral

O objetivo principal do presente estudo foi o de investigar os efeitos do status social ou epistêmico de um informante nos julgamentos de confiança de crianças brasileiras em idade escolar (6 a 9 anos).

Objetos Específicos

- Investigar se em diferentes situações de aprendizagem as quais envolvam predominantemente domínios distintos (conhecimento factual e competências sociais), o status do informante (social ou epistêmico) é mais relevante para a criança em sua decisão sobre em quem confiar;
- Comparar as taxas de escolha das crianças entre informantes que possuam destaque em relação ao seu status social (e.g., líder de sala) ou ao seu status epistêmico (e.g., inteligente);
- Avaliar a consistência de crianças em relação a respostas de um mesmo domínio (conhecimento factual e competências sociais).

Método

Participantes

Participaram deste estudo 32 crianças brasileiras com idades entre 6 e 9 anos, regularmente matriculadas em uma escola pública municipal de Ensino Fundamental de uma cidade no interior do Estado de São Paulo. Elas foram divididas em dois grupos: dezoito de 6 e 7 anos (10 meninas e 8 meninos; $M_{idade} = 6$ anos e 8 meses; $DP = 3,4$ meses) e quatorze de 8 e 9 anos (5 meninas e 9 meninos; $M_{idade} = 8$ anos e 8 meses; $DP = 3,9$ meses). Somente participaram da presente pesquisa as crianças cujos responsáveis concordaram voluntariamente em contribuir, mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e que deram seu assentimento.

Local e materiais

Os dados foram coletados em uma das áreas comuns da escola municipal, com condições adequadas de ventilação, iluminação e conforto para realização dos procedimentos. Para a condução das atividades, a pesquisadora utilizou um notebook para mostrar as animações elaboradas como instrumento, fone de ouvido para as crianças, folha de resposta e caneta para anotações necessárias. O áudio de todas as sessões foi gravado por um telefone celular. O material apresentado em vídeo foi elaborado em programas de edição online contendo personagens animados, denominado Animaker.

Instrumento

Tarefa de confiança seletiva

A tarefa consistia na apresentação de breves histórias pela pesquisadora envolvendo dois personagens fictícios com características físicas, étnicas, de gênero e de atratividade semelhantes, que são apresentados à criança por meio de imagens. Ela foi realizada em duas

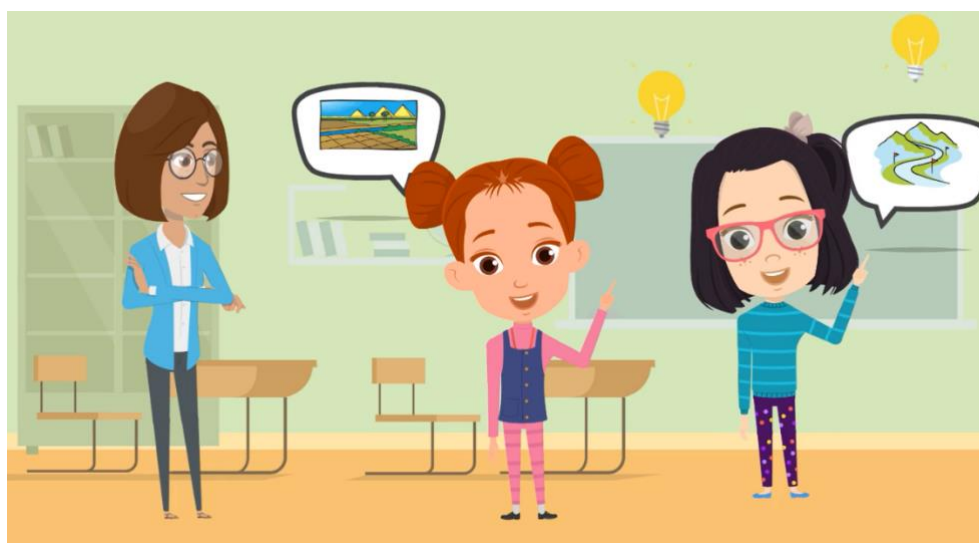
etapas: familiarização e teste. Na fase de familiarização, a criança foi inicialmente exposta a imagens de ambos os personagens e ouviu histórias narradas em vídeo que os caracterizavam. Por exemplo, em uma história, um personagem é líder de classe e outro é muito inteligente. A narração sobre o primeiro personagem foi: “Esse é o Tiago. Ele é um líder de sala! Ajudar a professora é com ele mesmo! Sempre colabora nas decisões da classe, contribuindo até mesmo na escolha do lugar em que cada aluno irá se sentar na sala de aula. Sempre que sua turma tem alguma dificuldade ou quer pedir alguma coisa, ele é o primeiro a falar com a professora. Solucionar problemas é com ele mesmo. Também é uma pessoa que ama conversar com seus amigos e fazer novos colegas, por isso mesmo é que é conhecido por toda a escola”. Já em relação ao segundo personagem, a história foi: “Esse é o Lucas. Ele é muito inteligente! Sua atividade favorita é estudar sobre novos assuntos. Por ser muito curioso, todos os dias separa um tempinho para ler livros e aprender algo novo. Também adora navegar pela internet, pois ali consegue encontrar uma infinidade de coisas sobre o mundo. Quando há provas escolares, sempre tira as melhores notas da classe. Ano passado ganhou o prêmio de aluno destaque na feira de ciências da escola”. A versão para as meninas foi modificada apenas as personagens e seus nomes, sendo a Celina a líder de sala e a Julia a inteligente. Após a apresentação de cada personagem, a pesquisadora faz perguntas sobre ele e questiona qual a opinião dos participantes sobre cada um. Isso é feito para verificar a compreensão do participante em relação às características básicas e atitudes de cada personagem em particular, além de explorar uma possível preferência da criança entre eles. Ao final, a pesquisadora perguntou: “Entre eles, qual você gostaria que fosse seu amigo(a)? Por quê?”.

Na fase teste, foram realizadas seis tentativas, abordando dois domínios distintos: conhecimento factual e competências sociais. Para cada domínio, houve três tentativas. Em forma de vídeo, a criança assistiu breves cenas animadas, contendo os personagens anteriormente apresentados. Cada vídeo retratou uma situação-problema específica. As

histórias das tentativas de domínio factual foram: 1) A matéria naquele dia da escola era sobre as partes do corpo humano e a professora decidiu fazer uma brincadeira com a turma questionando no quadro qual era o maior órgão do corpo humano e aquele que respondesse primeiro de forma correta ganharia uma bala. Cada personagem respondeu um órgão diferente e a criança deveria responder, na opinião dela, qual deles teria acertado e ganharia a bala; 2) Ao aprender sobre os rios do Brasil e do mundo, a professora faz um desafio na sala questionando qual seria o rio mais longo do mundo (Figura 1). Para resolver a questão era permitido pedir ajuda de algum outro colega da turma. Ambos os personagens rapidamente disseram saber a resposta correta, mas cada um falou algo diferente. Se houvesse apenas os dois personagens para a criança pedir ajuda, qual deles chamaria para auxiliá-lo; 3) Havia uma tarefa de matemática da escola e, para deixar as coisas mais divertidas, a professora permitiu que fossem formadas duplas para realizarem a atividade. Foi questionado ao participante, se houvesse apenas os dois personagens como opção, qual deles escolheria como sua dupla.

Figura 1

Exemplo de cena de domínio factual



Já no domínio de competências sociais, as seguintes situações foram apresentadas: 1) Um amigo faria aniversário e decide-se fazer uma festa surpresa para ele, mas não é possível chamar todos da sala, então é preciso fazer uma lista de convidados para definir quem participará. Por ser uma tarefa difícil precisa de ajuda de mais alguém. Sabendo que os dois personagens também têm amizade com o amigo, a criança deve dizer para qual pediria auxílio para isso; 2) Será feito um passeio da escola ao parque ecológico da cidade, mas os pais da criança não estão deixando ele participar. Para convencer os pais de deixarem ir e participar com a turma, precisa unir forças com mais alguém para mudarem sua opinião e o participante deveria escolher entre os personagens qual pediria ajuda; 3) O parquinho da escola precisa de uma reforma e a diretora tem que conversar com o prefeito para que isso seja feito. Ela precisa de algum aluno que possa representar a escola para ir com ela nessa missão. Os dois personagens são sugeridos como opções para isso (Figura 2) e a criança deveria escolher qual dos dois acredita ser a melhor opção para ir com a diretora.

Figura 2

Exemplo de cena de competências sociais



As breves cenas animadas foram exibidas às crianças de maneira intercalada a fim de que não fossem mostradas todas as tentativas de um único domínio primeiramente e na sequência todas do outro, contribuindo, assim, para um contrabalanceamento e maior engajamento do participante. Ao final de cada vídeo, a pesquisadora questionou sobre sua resposta diante do cenário apresentado e o motivo de tal decisão, com o intuito de analisar se a criança esteve sob controle de sua própria preferência pessoal ou sobre o status social do personagem. Cada resposta dada pelo participante ao longo das etapas foi registrada pela pesquisadora individualmente e gravada em áudio para posterior análise dos dados.

Procedimentos

As crianças foram chamadas individualmente para a sessão de coleta de dados. Inicialmente, a pesquisadora se apresentou ao participante e o explicou acerca da atividade que seria realizada com a apresentação de histórias animadas no computador. Por meio da leitura do Termo de Assentimento com as crianças, foi informado os objetivos, direitos, benefícios e interesses da pesquisa, ressaltando a importância da opinião e contribuição delas. Após o assentimento da criança para participar, a coleta em si foi iniciada, podendo ser interrompida a qualquer momento, caso fosse necessário ou solicitado. As histórias animadas foram ouvidas pelas crianças por meio de um fone de ouvido e o vídeo foi pausado em cada momento que os questionamentos foram feitos aos participantes. Os vídeos com as histórias foram produzidos em duas versões: 1) para os meninos e 2) para as meninas. As cenas eram as mesmas em ambas, entretanto, as figuras e os nomes dos personagens eram diferentes, sendo líder de sala e inteligente para cada caso, respectivamente: 1) Celina e Julia e 2) Tiago e Lucas. Cada sessão de coleta teve duração de aproximadamente 15 minutos. Ao término de todo processo, a pesquisadora agradeceu a contribuição da criança pela participação na pesquisa e perguntou se ela tinha gostado ou não de participar. Após isso, a coleta foi encerrada, retornando assim, o participante para as suas atividades curriculares. Todas as respostas foram registradas pela

pesquisadora e gravadas em áudio para consulta e análise posterior dos dados.

Resultados e Discussão

Inicialmente, os dados foram codificados e, em princípio, uma análise descritiva foi realizada. Devido ao fato da amostra ser pequena ($n=32$) e a distribuição dos escores não ser normal, apenas testes não-paramétricos foram utilizados na análise dos dados. As análises estatísticas foram realizadas por meio do software SPSS.

Em primeiro lugar, um teste binominal foi utilizado para testar uma possível diferença na preferência por um dos dois informantes (i.e., na resposta à pergunta "Quem você gostaria de ter como amigo/a?"). O resultado demonstrou uma diferença significativa ($p=0,001$), com 20% das crianças tendo escolhido o líder de sala, enquanto os 80% restantes optou pelo inteligente.

Não foi possível realizar um teste qui-quadrado, pois os dados não atendiam aos critérios exigidos de número de casos em cada categoria (maior do que 5 em cada contagem), sendo necessário a coleta de mais dados, o que não foi possível. A Tabela 1 apresenta, no entanto, a distribuição de frequência das escolhas feitas, sendo que duas crianças relataram que gostariam de ser amigas de ambos os personagens. Das 18 crianças do primeiro grupo etário (6-7 anos), 4 delas preferiram inicialmente o líder de sala (22,2%), 12 escolheram o personagem inteligente (66,7%) e 2 escolheram ambos (11,1%). Já entre as 14 crianças do segundo grupo etário (8-9 anos), 2 optaram pelo líder de sala (14,3%) e 12 preferiram o inteligente (85,7%). Essa distribuição também evidencia a acentuada preferência pelo personagem inteligente. Além disso, é importante notar que, entre as crianças que optaram pelo líder de sala como sua preferência inicial, 66,7% são do grupo de crianças mais novas (6-7 anos) e 33,7% do grupo de crianças mais velhas (8-9 anos). Em relação à escolha pelo personagem inteligente, essa distribuição ficou equiparada, sendo metade das crianças

pertencentes a cada um dos grupos etários.

Tabela 1

Distribuição de frequência dos dados sobre preferência inicial das crianças

Grupo etário		Escore PrefInicial		
		Ambos	Líder	Inteligente
6-7 anos	N	2	4	12
	% Idade	11,1%	22,2%	66,7%
8-9 anos	N	0	2	12
	% Idade	0%	14,3%	85,7%

Nas tentativas teste, cada uma delas foi pontuada com escores variando de 1 a 2 pontos, sendo 1 quando o personagem escolhido era o líder de sala e 2 quando era o inteligente. Os escores neste domínio, portanto, variavam de 3 a 6 pontos. A mesma codificação foi feita para os escores obtidos nas tentativas de competência social (escores variando de 3 a 6 pontos).

A Tabela 2 apresenta a distribuição de frequência dos escores nas tentativas de conhecimento factual. Como pode ser observado, das 18 crianças de 6-7 anos, 1 obteve 3 pontos (5,6%), 1 obteve 4 (5,6%), 9 tiveram 5 pontos (50%) e 7 pontuaram 6 (38,7%). Entre as 14 crianças de 8-9 anos, 2 obtiveram 5 pontos (14,3%) e 12 tiveram pontuação 6 (85,7%). Isso demonstra que as crianças mais velhas têm uma maior preferência pela personagem inteligente nas questões de conhecimento factual quando comparadas às mais novas.

Tabela 2*Distribuição de frequência dos dados sobre as tentativas de conhecimento factual*

Faixa etária		Escore TotalCF			
		3,00	4,00	5,00	6,00
6-7 anos	N	1	1	9	7
	% Idade	5,6%	5,6%	50%	38,9%
8-9 anos	N	0	0	2	12
	% Idade	0%	0%	14,3%	85,7%

Nota. Escore Total CF= escore total nas tentativas de conhecimento factual (variação de 3 a 6 pontos)

A Tabela 3, por sua vez, apresenta a distribuição de frequência dos escores nas tentativas de competência social. Das 18 crianças mais novas (6-7 anos), 2 obtiveram escore 3 (11,1%), 5 pontuaram 4 (27,8%), 3 tiveram 5 (16,7%) e 8 pontuaram 6 (44,4%). Já entre as 14 crianças do segundo grupo etário (8-9 anos), 3 tiveram 3 (21,4%), 4 obtiveram 4 pontos (28,6%), 3 pontuaram 5 (21,4%) e 4 tiveram 6 pontos (28,6%). Sendo assim, a distribuição de frequência entre os escores, independentemente da idade, foi muito esparsa, não indicando preferência pelo personagem com status social (líder de sala) nas tentativas sobre competências sociais, o que seria indicado pela maior proporção de escores baixos entre os participantes. Em especial, as crianças mais novas continuam escolhendo o personagem com status epistêmico (e.g., inteligente), em detrimento do líder, mesmo nas tentativas de competências sociais.

Tabela 3

Distribuição de frequência dos dados sobre as tentativas de competências sociais

Faixa etária		Escore TotalCF			
		3,00	4,00	5,00	6,00
1	N	2	5	3	8
	% Idade	11,1%	27,8%	16,7%	44,4%
2	N	3	4	3	4
	% Idade	21,4%	28,6%	21,43%	28,6%

Nota. Grupo etário 1 corresponde às crianças na faixa etária de 6-7 anos e grupo etário 2 à faixa etária de 8-9 anos

Para comparar as medidas (preferência inicial, TotalCF e TotalCS) entre os grupos de participantes, com o intuito de verificar efeito de idade ou gênero, utilizou-se o teste de Mann-Whitney. Os dados apontam que há um efeito de idade nas tentativas de conhecimento factual, $U = 65$, $p = 0,01$, $r = -0,47$, visto que a preferência pelo informante inteligente aumentou com a idade nas tentativas de conhecimento factual, isto é, as crianças mais velhas preferiram significativamente mais o personagem inteligente ($Mdn = 6,0$) quando comparado com as crianças mais novas ($Mdn = 5,0$), como pode ser observado na Tabela 4.

Tabela 4

Descritivo geral dos dados de acordo com o grupo de idade dos participantes

	Idade	N	Média	Desvio Padrão	Mediana	Valor Mínimo	Valor Máximo
TotalCF	1	18	5,22	0,80	5,00	3,00	6,00
	2	14	5,86	0,36	6,00	3,00	6,00
TotalCS	1	18	4,94	1,11	5,00	3,00	6,00
	2	14	4,57	1,16	4,50	3,00	6,00

Nota. TotalCF corresponde às três tentativas de conhecimento factual e TotalCS corresponde às três tentativas de competências sociais. O grupo de idade 1 refere-se às crianças da faixa etária de 6-7 anos e o grupo de idade 2 diz respeito aos participantes com 8-9 anos.

Não foi encontrado um efeito de idade para as medidas de preferência inicial e TotalCS (competências sociais), o que indica que crianças de 6-7 anos parecem não diferir das crianças de 8-9 anos nessas medidas. Não foram encontradas diferenças significativas entre meninos e meninas nas três medidas ($p_s = ns$). A ausência de um efeito de gênero não condiz com os resultados de Charafeddine et al. (2011) que, por sua vez, argumentam que interações de poder influenciam mais crianças do gênero masculino.

O teste de Wilcoxon também foi realizado para verificar se a preferência das crianças se altera a depender do tipo de medida, isto é, comparar o desempenho dos mesmos participantes nas tentativas de conhecimento factual (TotalCF) e competência social (TotalCS). Os resultados mostraram que o escore nas tentativas de conhecimento factual é maior do que nas tentativas de competência social ($Z = -2,49, p = 0,01$). Esse padrão de resultados mostra que a preferência dos participantes por um dos informantes não é indiscriminada, mas sim que ela depende do tipo de medida que está sendo utilizada, neste caso, a preferência pelo personagem inteligente é evidente nas questões de domínio factual. Já a preferência clara pelo líder de sala nas questões de competências sociais não foi observada.

Além disso, o teste de Friedman foi realizado para investigar a existência de efeito de tipo de história em cada um dos domínios (conhecimento factual e competências sociais), ou seja, comparar as histórias de cada domínio para observar se a escolha dos participantes se altera de acordo com o cenário em que é exposto. Para as tentativas referentes ao conhecimento factual, há um efeito significativo de tipo de história, $\chi^2(2) = 8,17, p = 0.02$, com o desempenho na terceira tentativa sendo significativamente diferente (i.e., preferência maior pelo informante inteligente; $M = 1,97$) do obtido na primeira tentativa ($M = 1,72$) e do obtido na segunda tentativa ($M = 1,81$), $p_s < 0.05$). A terceira tentativa refere-se à história sobre realizar a tarefa de matemática da escola junto com um colega, e o(a) participante deve escolher para qual dos dois personagens ele(a) quer pedir ajuda. É possível que esta tentativa seja a mais representativa

de histórias envolvendo conhecimento factual, predispondo as crianças a escolher o personagem inteligente, em detrimento do líder, garantindo assim maiores chances de sucesso. Isso corrobora o estudo de Koenig & Jaswal (2011) de que as crianças têm maior tendência a acreditar na informação se ela for dada por um indivíduo especialista no conteúdo. Assim, percebe-se que quanto mais evidente for a situação que exige conhecimento (status epistêmico), menos dúvidas as crianças parecem ter na escolha do informante, optando pelo personagem inteligente neste caso (Tabela 6).

Já para as tentativas teste referentes ao domínio de competências sociais, esse fenômeno de efeito de história não se observa, isto é, não há um efeito de tipo de tentativa, $\chi^2(2) = 0,40$, $p = n.s.$ (Tabela 7). Possivelmente as histórias que foram construídas para as tentativas de competências sociais não ficaram tão evidentes sobre qual domínio se referiam majoritariamente a ponto de os participantes escolherem o líder de sala. Sendo assim, diferentemente do observado no estudo de Enright et al. (2020), na presente pesquisa, as crianças não revelaram preferência pelo informante de alto status social (figura de liderança/prestígio) em detrimento do de baixo em nenhuma das tentativas neste domínio.

Tabela 5

Estatística descritiva das histórias presentes nas tentativas testes de conhecimento factual

	N	Média	Desvio Padrão	Valor mínimo	Valor máximo
Tentativa 1 (CF)	32	1,72	0,46	1,00	2,00
Tentativa 2 (CF)	32	1,81	0,40	1,00	2,00
Tentativa 3 (CF)	32	1,96	0,18	1,00	2,00

Tabela 6*Estatística descritiva das histórias presentes nas tentativas testes de competências sociais*

	N	Média	Desvio Padrão	Valor mínimo	Valor máximo
Tentativa 1 (CS)	32	1,59	0,50	1,00	2,00
Tentativa 2 (CS)	32	1,56	0,50	1,00	2,00
Tentativa 3 (CS)	32	1,62	0,49	1,00	2,00

Conclusões

Com base nos resultados aqui apresentados, nota-se que a preferência das crianças por um dos dois tipos de informante não é a mesma nos dois tipos de cenário (conhecimento factual x competência social). Em relação às situações novas de aprendizagem que envolvem predominantemente conhecimento factual, o status epistêmico do informante (conhecimento sobre algo) parece ser um fator relevante nos julgamentos de confiança seletiva das crianças, visto que, de maneira geral, no presente estudo, elas preferiram o personagem inteligente. Essa preferência mostrou-se mais acentuada nas crianças mais velhas quando comparado às crianças mais novas, já que mais de 80% delas obteve escore máximo nas tentativas referentes a esse domínio, indicando escolha predominante pelo personagem inteligente entre os participantes. Logo, tem-se que, para contextos que envolvam majoritariamente conhecimento factual, o personagem com status epistêmico elevado (inteligente) evidente é preferido e essa preferência se manteve consistente nas escolhas das crianças referentes às tentativas desse domínio.

Por outro lado, em relação às situações que exigem competências sociais, o status social (figura de prestígio/liderança) não demonstrou ser um fator determinante na escolha das crianças pelo informante, uma vez que o líder de sala não foi o personagem preferido entre os participantes. Desse modo, diferentemente do esperado, na presente pesquisa, não houve alta taxa de consistência na escolha das crianças pelo personagem líder de sala nas tentativas

envolvendo competências sociais. Entretanto, observa-se que entre as crianças mais velhas, houve maior número de escolhas pelo líder de sala nas tentativas teste desse domínio quanto comparado com as crianças mais novas, que permaneceram em sua maioria escolhendo o personagem inteligente. Uma possibilidade é que a caracterização dos personagens não tenha sido suficientemente elaborada a ponto de dificultar a identificação do status social do líder de sala. Outro fator que pode ter impactado foram os cenários construídos nas tentativas teste de competências sociais, que não evidenciaram que o status social do informante provavelmente seria mais relevante para as crianças em suas decisões sobre em quem confiar nesses contextos. Estudos futuros devem incluir situações que potencialmente evidenciem de forma mais clara o status social dos personagens.

O gênero dos participantes não demonstrou exercer qualquer influência na escolha das crianças sobre em quem confiar, em nenhuma das medidas avaliadas. É importante ressaltar que a distribuição entre meninos e meninas em cada grupo etário e, conseqüentemente, na amostra não estava equiparada, o que pode ter impactado nos resultados. Pesquisas futuras precisam ser realizadas a fim de verificar os efeitos do gênero nessas medidas, de forma mais detalhada.

Em suma, os resultados obtidos nesta pesquisa, sugerem que o status epistêmico (inteligência) é uma dica social importante, que influencia a confiança seletiva das crianças brasileiras, especialmente aquelas em idade escolar mais avançada (8-9 anos). O status social (prestígio/liderança), entretanto, não se mostrou uma dica tão relevante na escolha das crianças sobre qual informante confiar, pelo menos, nas situações testadas no presente estudo. Por fim, a preferência dos participantes não é indiscriminada, isto é, ela se altera de acordo com a mudança do domínio que está sendo testado, não sendo independente do contexto.

Referências

- Bascandziev, I., & Harris, P. L. (2016). The beautiful and the accurate: Are children's selective trust decisions biased? *Journal of Experimental Child Psychology*, *152*, 92–105. <https://doi.org/10.1016/j.jecp.2016.06.017>
- Bernard, S., Castelain, T., Mercier, H., Kaufmann, L., van der Henst, J. B., & Clément, F. (2016). The boss is always right: Preschoolers endorse the testimony of a dominant over that of a subordinate. *Journal of Experimental Child Psychology*, *152*, 307–317. <https://doi.org/10.1016/J.JECP.2016.08.007>
- Birch, S. A. J., Severson, R. L., & Baimel, A. (2020). Children's understanding of when a person's confidence and hesitancy is a cue to their credibility. *PLoS ONE*, *15*(1), 1–27. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0227026>
- Boerman, S. C., & van Reijmersdal, E. A. (2020). Disclosing Influencer Marketing on YouTube to Children: The Moderating Role of Para-Social Relationship. *Frontiers in Psychology*, *10*(January), 1–15. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.03042>
- Brosseau-Liard, P. E. (2014). Selective, but Only if It Is Free: Children Trust Inaccurate Individuals More when Alternative Sources Are Costly. *Infant and Child Development*, *23*(2), 194–209. <https://doi.org/10.1002/icd.1828>
- Castelain, Bernard, Henst, V. der, & Mercier. (2016). The influence of power and reason on young Maya children's endorsement of testimony. *Developmental Science*, *19*(6), 957– 966. <https://doi.org/10.1111/DESC.12336>
- Charafeddine, R., Triniol, B., Ogier, M., Foncelle, A., Epinat, J., & van der Henst, J. B. (2021). Do Preschoolers Align Their Preferences With Those of a Powerful Individual? *Frontiers in Education*, *5*(January), 1–12. <https://doi.org/10.3389/feduc.2020.607096>
- Chudek, M., Heller, S., Birch, S., & Henrich, J. (2012). Prestige-biased cultural learning:

- Bystander's differential attention to potential models influences children's learning. *Evolution and human behavior*, 33(1), 46-56.
<https://doi.org/10.1016/j.evolhumbehav.2011.05.005>
- Clément, F., Koenig, M., & Harris, P. (2004). The Ontogenesis of Trust. *Mind & Language*, 19(4), 360–379. <https://doi.org/10.1111/J.0268-1064.2004.00263.X>
- Corriveau, K. H., Meints, K., & Harris, P. L. (2009). Early tracking of informant accuracy and inaccuracy. *British Journal of Developmental Psychology*, 27(2), 331–342.
<https://doi.org/10.1348/026151008X310229>
- Corriveau, K. H., Kinzler, K. D., & Harris, P. L. (2013). Accuracy trumps accent in children’s endorsement of object labels. *Developmental Psychology*, 49(3), 470–479.
<https://doi.org/10.1037/A0030604>
- de Barcelos, T. D. N., Muniz, L. N., Dantas, D. M., Cotrim Junior, D. F., Cavalcante, J. R., & Faerstein, E. (2021). Análise de fake news veiculadas durante a pandemia de COVID-19 no Brasil. *Revista Panamericana de Salud Pública*, 45, e65.
<https://doi.org/10.26633/RPSP.2021.65>
- DiYanni, C., Nini, D., Rheel, W., & Livelli, A. (2012). ‘I Won’t Trust You if I Think You’re Trying to Deceive Me’’: Relations Between Selective Trust, Theory of Mind, and Imitation in Early Childhood.’ *Journal of Cognition and Development*, 13(3), 354– 371. <https://doi.org/10.1080/15248372.2011.590462>
- Enright, E. A., Alonso, D. J., Lee, B. M., & Olson, K. R. (2020). Children’s understanding and use of four dimensions of social status. *Journal of Cognition and Development*, 21(4), 573-602. <https://doi.org/10.1080/15248372.2020.1797745>
- Field, A. (2009). *Descobrimo a estatística usando o SPSS* (L. Viali, Trad.; 2ª ed.). Artmed.
- Fusaro, M., & Harris, P. L. (2012). *Dax Gets the Nod: Toddlers Detect and Use Social Cues*

to Evaluate Testimony. <https://doi.org/10.1037/a0030580>

Gama, G (2024). Enchentes no RS: fake news atrapalham ajuda para vítimas da tragédia.

CNN Brasil. <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/fake-news-atrapalham-ajuda-para-vitimas-das-enchentes-no-rs/>

Gomes, S. F., Penna, J. C. B. D. O., & Arroio, A. (2020). Fake news científicas: percepção, persuasão e letramento. *Ciência & Educação (Bauru)*, 26, e20018.

<https://doi.org/10.1590/1516-731320200018>

Harris, P. L. (2012). *Trusting what you're told: how children learn from others*. 253.

Harris, P. L., Koenig, M. A., Corriveau, K. H., & Jaswal, V. K. (2017). *Cognitive Foundations of Learning from Testimony*. <https://doi.org/10.1146/annurev-psych-122216>

Henrich, J., & Gil-White, F. J. (2001). The evolution of prestige: Freely conferred deference as a mechanism for enhancing the benefits of cultural transmission. *Evolution and human behavior*, 22(3), 165-196. [https://doi.org/10.1016/S1090-5138\(00\)00071-4](https://doi.org/10.1016/S1090-5138(00)00071-4)

Jaffer, S., & Ma, L. (2015). Preschoolers show less trust in physically disabled or obese informants. *Frontiers in Psychology*, 0(OCT), 1524.

<https://doi.org/10.3389/FPSYG.2014.01524>

Kim, S., & Harris, P. L. (2014). Belief in Magic Predicts Children's Selective Trust in Informants. *Journal of Cognition and Development*, 15(2), 181–196.

<https://doi.org/10.1080/15248372.2012.751917>

Kim, Paulus, Sodian, Itakura, Ueno, Senju, & Proust. (2018). Selective learning and teaching among Japanese and German children. *Developmental Psychology*, 54(3),

536–542. <https://doi.org/10.1037/DEV0000441>

Kinzler, K. D., Corriveau, K. H., & Harris, P. L. (2011). Children's selective trust in

- native- accented speakers. *Developmental Science*, 14(1), 106–111.
<https://doi.org/10.1111/J.1467-7687.2010.00965.X>
- Koenig, M. A., & Echols, C. H. (2003). Infants' understanding of false labeling events: the referential roles of words and the speakers who use them. *Cognition*, 87(3), 179–208. [https://doi.org/10.1016/S0010-0277\(03\)00002-7](https://doi.org/10.1016/S0010-0277(03)00002-7)
- Koenig, M. A., & Harris, P. L. (2005). Preschoolers mistrust ignorant and inaccurate speakers. *Child Development*, 76(6), 1261–1277. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.2005.00849.x>
- Koenig, M. A., & Woodward, A. L. (2010). Sensitivity of 24-Month-Olds to the Prior Inaccuracy of the Source: Possible Mechanisms. *Developmental Psychology*.
<https://doi.org/10.1037/a0019664>
- Koenig, M. A., & Jaswal, V. K. (2011). Characterizing Children's Expectations About Expertise and Incompetence: Halo or Pitchfork Effects? *Child Development*, 82(5), 1634–1647. <https://doi.org/10.1111/J.1467-8624.2011.01618.X>
- Koenig, M. A., Clément, F., & Harris, P. L. (2016). Trust in Testimony: Children's Use of True and False Statements. *Psychological Science*, 15(10), 694–698.
<https://doi.org/10.1111/J.0956-7976.2004.00742.X>
- Li, X., & Yow, W. Q. (2018). Willingness to revise own testimony: 3- and 4-year-olds' selective trust in unexpected testimony from accurate and inaccurate informants. *Journal of Experimental Child Psychology*, 173, 1–15.
- Lorenzetti, C.S., Verdum, K. (2021). *Top 5 Fake News mais absurdas sobre a vacina*. Agência Da Hora (Agência Experimental de Notícias UFSM). <https://ufsm.br/r-825-511>
- Ma, L., & Woolley, J. D. (2013). Young Children's Sensitivity to Speaker Gender When Learning From Others. *Journal of Cognition and Development*, 14(1), 100–119.

<https://doi.org/10.1080/15248372.2011.638687>

Marková, I., & Gillespie, A., (Eds). (2008). *Trust and distrust: sociocultural perspectives*.

Charlotte, NC: Information Age Publishing

McDonald, K. P. & Ma, L. (2016). Preschoolers' credulity toward misinformation from ingroup versus outgroup speakers. *Journal of Experimental Child Psychology* 148, 87–

100. <https://doi.org/10.1016/j.jecp.2016.03.011>

Messias, A. C. (2019). *Os efeitos do gênero e do histórico de Informantes na confiança seletiva de crianças*. <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/11905>

Monteiro, D. (2021). *Conheça 6 “fake news” sobre as vacinas contra a Covid-19*.

Informe ENSP (Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca).

<http://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/51261>

O'Connor, C., & Weatherall, J. O. (2019). *The misinformation age*. Yale University Press.

Pasquini, E. S., Corriveau, K. H., Koenig, M., & Harris, P. L. (2007). Preschoolers Monitor the Relative Accuracy of Informants. *Developmental Psychology*, 43(5), 1216–1226. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.43.5.1216>

Silva, R. M., Santos, R. L. D. S., Almeida, T. A., & Pardo, T. A. S. (2020). Towards automatically filtering fake news in Portuguese. *Expert Systems with Applications*, 146, 1-14. <https://doi.org/10.1016/j.eswa.2020.113199>

Souza, D. H., & Messias. (2020). Selective Trust In Preschoolers: A Systematic Review.

Psicologia em Estudo, 25, e44631.

<https://doi.org/10.4025/psicoestud.v25i0.44631>

Vahid, N., & Farshid, A. (2017). *Development of trust in a sample of iranian children*.

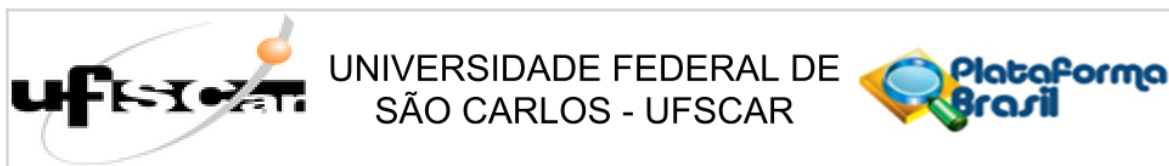
Clinical Psychology Studies 7, 71-88.

<https://www.sid.ir/en/journal/ViewPaper.aspx?ID=60>

[6453](#)

VanderBorgh, M., & Jaswal, V. K. (2009). Who knows best? Preschoolers sometimes prefer child informants over adult informants. *Infant and Child Development, 18*(1), 61–71. <https://doi.org/10.1002/ICD.591>

Anexo A – Parecer Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Inteligência ou status social? Efeitos de dicas sociais na confiança seletiva de crianças

Pesquisador: Débora de Hollanda Souza

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 86527825.9.0000.5504

Instituição Proponente: Universidade Federal de São Carlos/UFSCar

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.509.138

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa", "Metodologia", "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram extraídas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa (de 18/2/2025) e/ou do Projeto Detalhado (de 18/2/2025).

RESUMO: Em meio ao crescimento desenfreado das fake news e os impactos decorrentes delas, torna-se importante investigar como as pessoas escolhem fontes de informação e como elas definem quem é confiável. Em diversas culturas, há uma crença predominante de que as crianças, em particular, são ingênuas e acreditam em tudo o que ouvem. Evidências recentes, no entanto, têm demonstrado que desde cedo (por volta dos 3 anos), elas já são capazes de selecionar em quem confiar em situações novas de aprendizagem, ou seja, já confiam seletivamente no testemunho de outras pessoas. Para discernir entre bons e maus informantes, as crianças usam diversos critérios e dicas sociais, como por exemplo: nível de conhecimento do informante, pertencimento a um grupo (i.e., preferem o testemunho que pertence ao mesmo grupo), relação com o informante, características físicas, histórico de erros e acertos, e crenças pessoais. Além disso, diferenças contextuais e individuais, bem como dicas sociais podem gerar variações no julgamento das crianças. O presente trabalho visa contribuir nesta direção ao investigar a influência do status de informantes sobre a confiança seletiva de crianças em idade escolar. O objetivo é testar possíveis efeitos do status social (figura de liderança e/ou prestígio) ou epistêmico (conhecimento acumulado) de um informante nos

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

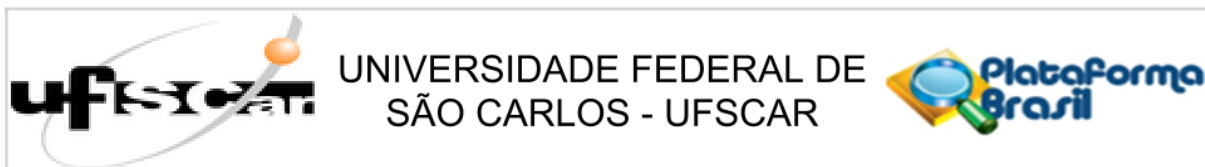
CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 7.509.138

juízos de confiança de crianças brasileiras. Participarão do presente estudo 40 crianças na faixa etária dos 6 aos 9 anos. Os participantes serão expostos a uma tarefa de confiança seletiva. Em uma fase de familiarização, dois personagens fictícios serão apresentados a informações e imagens que evidenciam que um deles é líder de classe (i.e., status social) e o outro é muito inteligente (i.e., status epistêmico). Em seguida, a criança deverá indicar qual dos dois ela gostaria de ter como amigo. Na fase teste (6 tentativas), os participantes assistirão breves cenas com os dois personagens e que envolvem uma situação-problema. Em cada cena (tentativa), os dois personagens oferecem respostas/ soluções distintas e o participante precisa indicar qual dos dois tem razão. Espera-se que em diferentes situações, o status do informante (social ou epistêmico) influencie o padrão de preferência por um dos dois informantes, com as crianças preferindo o personagem inteligente nas tentativas que requerem conhecimento factual e preferindo o líder nas tentativas que envolvem o uso de habilidades sociais.

METODOLOGIA:

Participantes: 40 crianças brasileiras com idades entre 6 e 9 anos, regularmente matriculados em escolas públicas de Ensino Fundamental de uma cidade no interior do Estado de São Paulo. Instrumento: Tarefa de confiança seletiva. A tarefa consiste na apresentação de breves histórias pela pesquisadora envolvendo dois fictícios com características físicas, étnicas, de gênero e de atratividade semelhantes, que são apresentados a criança por meio de imagens. Ela é realizada em duas etapas: familiarização e teste. Na fase de familiarização, a criança é inicialmente exposta a imagens de ambos os personagens e ouve histórias narradas pela pesquisadora que os caracterizam. Após a apresentação de cada personagem, a pesquisadora faz perguntas sobre o personagem e questiona se gostaria de ser amigo(a) dele. Isso é feito para verificar a compreensão do participante em relação às características básicas e atitudes de cada personagem em particular, além de explorar uma possível preferência da criança entre eles. Ao final, a pesquisadora pergunta: "Se você tivesse que escolher com quem brincar, qual desses dois amigos você escolheria?". Na fase teste, serão realizadas seis tentativas, abordando dois domínios distintos: conhecimento factual e competências sociais. Para cada domínio, haverá três tentativas. Em forma de vídeo, a criança assistirá breves cenas animadas, contendo os personagens anteriormente apresentados. Cada vídeo retrata uma situação específica. As breves cenas animadas serão exibidas ao participante de maneira intercalada a fim de que não sejam mostradas todas as tentativas de um único domínio primeiramente e na sequência todas do outro, contribuindo, assim, para um contrabalanceamento e maior engajamento do participante. Ao final de cada vídeo, a pesquisadora questionará sobre sua

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

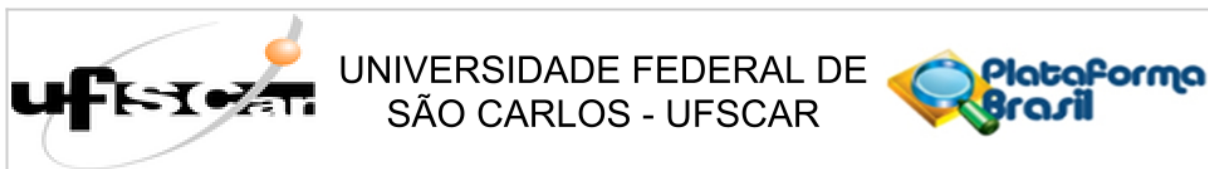
UF: SP

Município: SAO CARLOS

CEP: 13.565-905

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 7.509.138

resposta diante do cenário apresentado e o motivo de tal decisão, com o intuito de analisar se a criança esteve sob controle de sua própria preferência pessoal ou sobre o status social do personagem. Cada resposta dada pelo participante ao longo das etapas será registrada pela pesquisadora individualmente para posterior análise dos dados. As crianças que participarão da pesquisa serão chamadas individualmente em uma sala disponível na escola com condições adequadas de conforto e onde não há muito barulho. Inicialmente, a pesquisadora explicará ao participante acerca da atividade que será realizada e seu interesse pela opinião dele após ouvir algumas histórias, dizendo: "Olá, sou estudante e estou aqui para fazer algumas atividades com você. Eu vou te contar algumas histórias e mostrar algumas imagens no meu computador. Aí vou te fazer algumas perguntas e pedir sua opinião, ok? Não existe resposta certa ou errada, só gostaria que fosse sincero (a) ao compartilhar o que acha comigo. Posso contar com você?". Após o assentimento da criança em participar, a coleta em si será iniciada, podendo ser interrompida a qualquer momento, caso seja necessário. Cada sessão de coleta terá a duração aproximada de 20 minutos. A apresentação das histórias de cada personagem será feita de maneira alternada entre os participantes: para metade das crianças, primeiro será apresentado o personagem Tiago e depois o Lucas; e para a outra metade, a ordem será inversa.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: O objetivo principal do presente estudo é o de investigar os efeitos do status social ou epistêmico de um informante nos julgamentos de confiança de crianças brasileiras em idade escolar (6 a 9 anos). **Objetivo Secundário:** Investigar se em diferentes situações de aprendizagem as quais envolvam predominantemente domínios distintos (conhecimento factual e competências sociais), o status do informante (social ou epistêmico) é mais relevante para a criança em sua decisão sobre em quem confiar; Comparar as taxas de escolha das crianças entre informantes que possuam destaque em relação ao seu status social (e.g., líder de sala) ou ao seu status epistêmico (e.g., inteligente); Avaliar a consistência de crianças em relação a respostas de um mesmo domínio (conhecimento factual e competências sociais).

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Alguns riscos previstos da participação do seu filho (a) são: cansaço, inibição para participar do estudo ou, durante o procedimento, sentir-se entediado(a). Se a pesquisa ocasionar qualquer um desses incômodos, o procedimento será interrompido. Não haverá qualquer forma de prejuízo

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

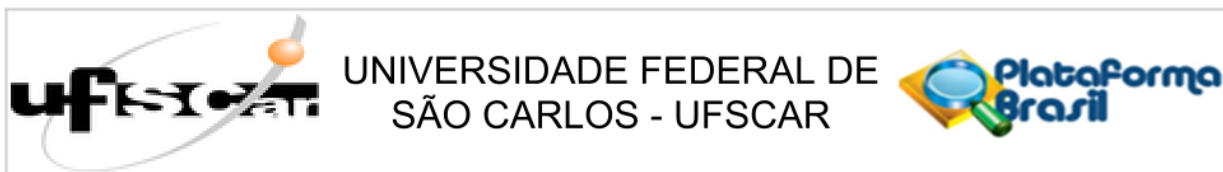
UF: SP

Município: SAO CARLOS

CEP: 13.565-905

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 7.509.138

ou represália. Caso ocorra qualquer problema não previsto, a pesquisadora entrará em contato com um profissional competente para melhor encaminhamento. A pesquisadora acompanhará toda a coleta de dados, estando presente a todo o momento.

Benefícios:

Não há benefícios diretos, além de contribuir para a pesquisa sobre desenvolvimento infantil.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de uma pesquisa que deve seguir os preceitos éticos estabelecidos pela Resolução CNS 510 de 2016 e suas complementares. Estudo nacional, unicêntrico, caráter acadêmico, com previsão de um total de 40 crianças, entre 6 e 9 anos, as quais serão apresentadas breves histórias envolvendo dois personagens fictícios com características físicas, étnicas, de gênero e de atratividade semelhantes.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações"

Recomendações:

O texto básico para divulgação da pesquisa deve constar o título da pesquisa, objetivo geral, critérios básicos de inclusão do participante, nome do pesquisador(a) e seu contato, dados de aprovação da pesquisa pelo CEP (CAAE e data de aprovação). Atentar para as regras específicas de pesquisa em ambiente virtual, conforme Circular n. 1/2021, em que deve constar o link para acesso ao endereço eletrônico ou texto com as devidas instruções de envio.

Não pode haver informações sobre gratificações/bônus/compensação em formato de dinheiro ou objetos/brindes/doces para o participante da pesquisa (não inclui nestes ressarcimento de despesas como transportes, alimentação ou custos diretos e indiretos da pesquisa em ambiente virtual com utilização de ferramentas eletrônicas).

A fim de evitar retrabalho tanto da parte dos pesquisadores quanto da parte da Secretaria e do Colegiado do CEP, bem como com intuito de AGILIZAR a tramitação dos protocolos de pesquisa, a Coordenação do CEP solicita encarecidamente aos pesquisadores que leiam integralmente e com muita atenção, cuidado e zelo TODAS AS INFORMAÇÕES presentes na página do CEP antes de encaminharem suas dúvidas à Secretaria e antes de submeterem a versão original e versões revisadas de seu protocolo de pesquisa à Plataforma Brasil. A página do CEP é atualizada rotineiramente, portanto, solicita-se que este procedimento seja repetido a cada nova submissão. Lembramos que na página do CEP constam várias informações a respeito de

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

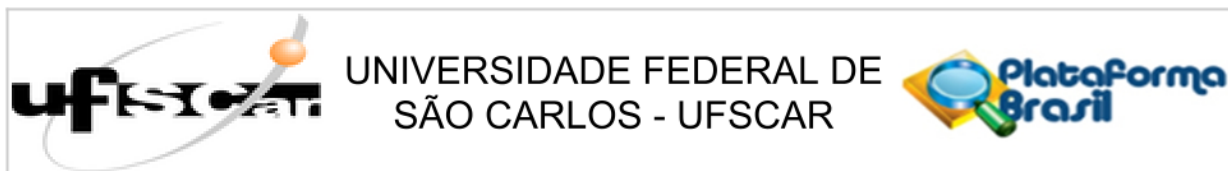
UF: SP

Telefone: (16)3351-9685

Município: SAO CARLOS

CEP: 13.565-905

E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 7.509.138

"dúvidas frequentes", "documentos obrigatórios para submissão", "instruções para submissão" e para evitar "pendências documentais", "tutoriais Plataforma Brasil" (acesso a manuais e a vídeos explicativos), "resoluções e normativas", "etapas e prazos do processo de apreciação ética", orientações para submissão de "emendas", "relatórios de pesquisa - orientações para elaboração e envio ao CEP", etc.

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações"

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não foram constatadas pendências.

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de ética em pesquisa - CEP, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 510 de 2016, manifesta-se por considerar "Aprovado" o projeto. Conforme dispõe o Capítulo VI, Artigo 28, da Resolução Nº 510 de 07 de abril de 2016, a responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais, cabendo-lhe, após aprovação deste Comitê de Ética em Pesquisa: II - conduzir o processo de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido; III - apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento; IV - manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa; V - apresentar no relatório final que o projeto foi desenvolvido conforme delineado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança ou interrupção. Este relatório final deverá ser protocolado via notificação na Plataforma Brasil. OBSERVAÇÃO: Nos documentos encaminhados por Notificação NÃO DEVE constar alteração no conteúdo do projeto. Caso o projeto tenha sofrido alterações, o pesquisador deverá submeter uma "EMENDA".

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2452731.pdf	18/02/2025 14:52:52		Aceito
Outros	Parecer_Secretaria_de_Educacao.pdf	18/02/2025 14:52:34	GIOVANNA MEGALE DE CAMARGO BARROS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura	Projeto_final_IC_Giovanna_Barros.pdf	18/02/2025 14:43:44	GIOVANNA MEGALE DE	Aceito

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SÃO CARLOS - UFSCAR



Continuação do Parecer: 7.509.138

Investigador	Projeto_final_IC_Giovanna_Barros.pdf	18/02/2025 14:43:44	CAMARGO BARROS	Aceito
Outros	Termo_de_uso_de_Imagem_Projeto_IC.pdf	28/01/2025 15:17:29	GIOVANNA MEGALE DE CAMARGO BARROS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE_Projeto_IC.pdf	28/01/2025 15:04:17	GIOVANNA MEGALE DE CAMARGO BARROS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Projeto_IC.pdf	28/01/2025 15:04:03	GIOVANNA MEGALE DE CAMARGO BARROS	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto_projeto_assinado.pdf	28/01/2025 15:00:50	GIOVANNA MEGALE DE CAMARGO BARROS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO CARLOS, 15 de Abril de 2025

Assinado por:
Sonia Regina Zerbetto
(Coordenador(a))

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br